

**RELATO DE ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR DE VIVÊNCIA - EXPERIÊNCIA PRÁTICA
E TEÓRICA DA REALIDADE RURAL BRASILEIRA. PRÉ-ASSENTAMENTO RURAL
PÁTRIA LIVRE, MUNICÍPIO DE CORREIA PINTO, SANTA CATARINA.**

MOTTA, PEDRO NICOLETTI

pedronicoletti@yahoo.com.br

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

DA SILVA, DANIEL GERMANO

danielgermanogeo@yahoo.com.br

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Data do trabalho de campo: 25 de janeiro à 15 de fevereiro de 2008

1. APRESENTAÇÃO

O presente relato é resultado de uma viagem de férias pouco convencional. Entre os dias 25 de janeiro e 15 de fevereiro excursionamos no interior do estado de Santa Catarina, conhecendo organizações sociais, assentamentos, acampamentos, pequenas propriedades rurais e a realidade de pessoas envolvidas cotidianamente com o trabalho rural e com as lutas pela melhoria de vida.

Isso foi possível graças ao Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV), um programa de intercâmbio que atua como ponte para que universitários de todo o país possam experimentar a vida camponesa, vivenciar seus problemas e seus atrativos, e compreender suas razões e suas perspectivas para o mundo atual.

O Trabalho de Campo foi compreendido pela vivência de dez dias que realizamos no assentamento Pátria Livre, e pelos trabalhos coletivos que precederam e sucederam a vivência, com duração também de dez dias. Em virtude disso, dividimos o presente relato em três partes, tendo em vista apresentar o EIV e a discussão sobre sua importância, descrever a realidade rural com a qual nos deparamos, e tecer as conclusões que tiramos dessa rica experiência.

2. O ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR DE VIVÊNCIA

Durante as férias escolares, enquanto a grande parte dos estudantes está interessada em descansar da desgastante rotina de estudos, alguns deles se interessam em realizar o Estágio, e conhecer de perto a realidade social e a luta camponesa. Esse é o EIV, um programa voluntário de troca de conhecimentos, organizado por estudantes universitários em conjunto com movimentos sociais do campo. Os responsáveis pela organização de cada edição são os que ingressaram enquanto estagiários da edição anterior, característica importante do programa, que dá fluidez ao Estágio e permite que ele se reproduza continuamente, em uma uma experiência completa de participação-

organização.

O EIV foi uma iniciativa dos estudantes do curso de agronomia, com sua primeira edição em 1989, que veio a estender-se posteriormente a estudantes de todos os cursos. A estrutura e a forma de organização do estágio se diferenciam conforme as especificidades de cada local, dos movimentos sociais participantes e dos atores que se apropriam de sua organização. A forma geral, entretanto, tem uma unidade, com base em alguns princípios.

No nosso caso, pela segunda vez, o EIV estava sendo organizado por coletivos de diferentes cidades de dois estados: Santa Catarina e Paraná, contando com oitenta estudantes estagiários e aproximadamente vinte envolvidos com a organização. O trabalho de um ano de articulações e de encontros culminou nos vinte dias que compuseram o Estágio: os primeiros cinco dias referentes à *preparação* dos estagiário/as, dez dias para a vivência em si, e mais cinco dias subseqüentes de *avaliação* coletiva de todo o estágio.

A *preparação* e a *avaliação* são espaços coletivos, geridos coletivamente pelos estudantes, em que participam estagiários e organizadores. A dinâmica desses dois momentos é importante para a apreensão da interatividade que o estágio propõe. De modo geral, o modelo de organização é oriundo dos próprios movimentos sociais, principalmente do Movimento dos Sem Terra (MST). Todavia, sofre transformações a partir de críticas sobre a validade da estrutura de funcionamento, e sobre a viabilidade de sua aplicação em cenários distintos daqueles voltados à formação de quadros do movimento, em que se originam tais metodologias. A estrutura básica de organização é a *brigada*, neste caso composta por cerca de oito pessoas e responsável pelas tarefas do dia como limpeza e cozinha, e pelas discussões e debates, que iam desde as temáticas estudadas até o andamento do próprio estágio.

O primeiro momento do estágio é caracterizado por diversos debates, palestras, oficinas e exhibições de filmes, que têm por objetivo a construção de um conhecimento

prévio acerca da vida campesina e da conjuntura social e econômica onde se insere - no mundo, no Brasil, e nos estados da região sul brasileira. Esse estudo é importante para a imersão dos estudantes no exercício de uma vivência crítica, entendendo os elementos que os cercam e, ao mesmo tempo, as limitações do próprio estágio em transformar a realidade encontrada no curto espaço de tempo da vivência. Esse processo permite ao estagiário entender que a realidade dos movimentos sociais é contraditória, uma vez que comportamentos por vezes racistas ou sexistas são engendrados na sociedade há séculos, e subsistem com frequência mesmo no seio de movimentos sociais de ideologias igualitárias que lutam pela transformação desses mesmos valores. Nesse período de preparação, chama-se a atenção para o princípio de não-intervenção, que serve para construir uma relação respeitosa entre estagiários e campesinos.

A *preparação* foi feita na Escola 25 de Março, uma escola agrícola criada e mantida por meio das lutas sociais pela dignidade camponesa. Localiza-se no município de Fraiburgo, no interior de Santa Catarina.



Figura 1. Debate sobre a participação feminina nos movimentos sociais camponeses, ministrada por uma participante do MMC – Movimento de Mulheres Camponesas.



Figura 2. Painel na parede de um dos prédios da escola 25 de março. A pintura representa a união dos povos do campo e da cidade contra a tirania do opressor, e mostra uma realidade crua, uma situação de massacre de camponeses por policiais.



Figura 3. Mapa de localização do município de Fraiburgo, Santa Catarina, Brasil. Fonte: Wikipedia - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fraiburgo>

A *avaliação* foi realizada na cidade de Fraiburgo, nas instalações de uma igreja local. Nesse momento, fizemos uma avaliação coletiva sobre as experiências individuais, compartilhando histórias e impressões sobre as diferentes localidades e distintas realidades encontradas, correspondentes aos diferentes movimentos e estágios de luta e produção. Compusemos, assim, um esboço geral para a compreensão da situação da luta pela terra e conjuntura agrária em Santa Catarina e Paraná.

Após mais uma bateria de debates temáticos, o último dia foi dedicado ao levantamento de possibilidades de atuação para os estagiário/as enquanto estudantes e

enquanto pessoas comprometidas com o processo de transformação social no campo. Uma possibilidade era a de engajar-se na organização da edição seguinte do estágio, para o qual já se iniciava a construção, a partir das críticas e propostas realizadas. Esse é um dos principais objetivos do EIV: possibilitar o engajamento em alguma forma de atuação social após o estágio, tarefa seguramente bem-sucedida.

3. O ASSENTAMENTO PÁTRIA LIVRE E A LUTA PELA TERRA

No último dia da preparação os organizadores informam aos estagiários o lugar escolhido para a vivência. No atual estágio as alternativas eram: acampamentos ou assentamentos do MST, reassentamentos do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), e pequenas propriedades agrícolas de produtores integrados ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Para cada destino foram assinaladas duplas, grupos ou indivíduos.

Nós fomos para o assentamento do MST Pátria Livre, no município de Correia Pinto, localizado a 850 metros de altitude e a 37km de Lages, no planalto serrano catarinense.



Figura 4. Mapa de localização de Correia Pinto, SC, Brasil. Fonte: Wikipedia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Correia_Pinto

Chegando à cidade de Correia Pinto pudemos perceber a tendência econômica

predominante, em relação à qual o MST se contrapõe: a frase disposta na rótula central da cidade expunha a hegemonia da agricultura de larga escala, caracterizada pelo cultivo de pinus e eucalipto em latifúndios.



Figura 5. Correia Pinto capital do papel. Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/7277364>

Saindo da rodovia o cenário mudava para casebres e barracos dispostos espaçadamente ao longo da estrada de terra, com bandeiras vermelhas orgulhosamente hasteadas nas janelas, como que dizendo: 'ao movimento devo a minha presença aqui'. O mato alto se estendia até a linha do horizonte, onde podíamos ver ainda alguns barracos dispersos.

O Pátria Livre é um assentamento recente de 1.128 hectares, ou um “pré-assentamento” na categoria do movimento, que se estabeleceu após a sua posse legal em janeiro de 2007, tendo completado um ano de existência à época do estágio. Grande parte das 63 famílias que ali estavam passaram de quatro a sete, ou até dez anos, lutando para estabelecer-se em alguma terra. De acampamento em acampamento, de barraco em barraco, de latifúndio em latifúndio, acumularam muitas histórias, ora de humilhação e degradação, ora de vitórias e dignidade.

Os relatos de abusos de autoridade e violações de direitos humanos eram carregados de emoções fortes e, a uma dessas das histórias, atribuíam-se a conquista

definitiva da terra. Conforme o relato, dois integrantes do movimento, antes da emissão da posse em favor dos sem-terra mas posteriormente ao decreto de desapropriação, entraram a catar pinhão e foram surpreendidos pelo proprietário e seus capatazes armados, que submeteram os sem-terra, ameaçando tirar-lhes a vida. Ameaçados à faca, os prisioneiros reagiram e conseguiram fugir com ferimentos, sendo que, no embate, um deles teve parte da orelha cortada. Depois de saírem do hospital, os sem-terra foram detidos e presos, acusados de roubo de pinhão. Foram libertados apenas depois de muitas articulações e manifestações em favor da libertação². Segundo os relatos, a divulgação do ocorrido teria acelerado a ação da justiça em favor da emissão de posse para a resolução do conflito.

Outra história de importante significado, por seu simbolismo análogo a luta dos sem-terra em qualquer parte do país, é a da sua chegada ao município. A terra estava previamente designada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para desapropriação voltada à reforma agrária, mas isso não impediu que os ex-proprietários levantassem forte resistência, com o apoio dos latifundiários da região e dos meios de comunicação locais. Os sem-terra se depararam com campanhas de criminalização do movimento e de seus integrantes. Surgiram faixas e cartazes na rodovia com acusações pejorativas às pessoas do movimento. No dia seguinte à chegada dos trabalhadores, o jornal local noticiou o fato com a chamada “Eles estão chegando”, associando a presença dos sem-terra a roubos, assassinatos e outros crimes. O noticiário da rádio local adotou o mote:

“(...)E ai o locutor, como era muito a favor do fazendeiro também, fez um esquema na rádio. Pôs uma musiquinha de fundo tipo de terror assim, e começou a falar: eles estão chegando! E começou a ler a reportagem do jornal que dizia que esse tipo de gente não podia apoiar, que amanhã ou depois eles iam estar invadindo as casas das pessoas, que são acostumados a baderna, que viviam trancando as estradas... E com isso a sociedade própria, né, ia pelo que via na radio e na TV. Eles falavam pras pessoas que era perigoso sair das casas, que os sem terra estavam ali. Tratavam como se fosse bandidão mesmo, como que se encontrasse com um se terra era perigoso matar

até.” (Josiel, assentado, entrevista, Pátria Livre, 07/02/08).

Ainda segundo os relatos, os sem-terra achavam dificuldade para comprar produtos e relacionar-se: mesmo passar pela cidade já era uma atitude arriscada. Fizeram uma marcha até a cidade certa vez, para contrapor a argumentação dos meios de comunicação, e foram recebidos com o fechamento do comércio e o pânico dos habitantes. A adaptação das crianças na escola local foi sofrida.

4. O PRÓXIMO PASSO: A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Após o estabelecimento, os assentados conseguiram se aproximar, lentamente, da comunidade, mas passaram a enfrentar outra campanha de seus opositores: a de que não são capazes de produzir.

A despeito de todas as dificuldades individuais de adaptação, falta de conhecimento técnico, e condições naturais adversas – estas últimas típicas de terras desapropriadas para reforma agrária – faltava às famílias a organização e o financiamento para a produção. Uma coisa não poderia vir sem a outra. De acordo com determinação do INCRA, as famílias teriam que concordar sobre a forma e o conteúdo da produção antes da liberação do financiamento, e formalizar esse acordo no Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA). Esse momento representava um novo desafio para a cultura coletiva da comunidade, formada por pessoas que já traziam conceitos e experiências acumuladas em anos de luta em acampamentos.

Para o técnico agrícola Adilson, recém chegado e responsável pelo assessoramento de mais quatro assentamentos da região, essa dificuldade para o consenso era natural. Segundo ele, abandonar a cultura de competitividade estimulada pela sociedade capitalista e entender o cooperativismo leva tempo e determinação. O sistema cooperativo estava associado, para muitas pessoas, a uma forma pejorativa e dependente de trabalho, fadada ao fracasso, embora as suas vantagens demonstrassem

ser o único capaz fazer prosperar a pequena produção, frente aos grandes latifúndios mecanizados e altamente consumidores de insumos.

Além dos acalorados debates sobre a organização do trabalho, existia o problema da definição da forma de produção e da natureza do produto. Algumas pessoas já começavam a plantar o que podiam, utilizando-se de algum conhecimento anterior de práticas de cultivo, incluindo o uso de defensivos e corretivos químicos, ao investir na terra ácida. Segundo o técnico, ignoravam, contudo, a vocação natural do ecossistema em que estavam inseridos.

Adilson explicou que, a microrregião em que se insere o município de Correia Pinto, chamada Campos de Lages, tem sua história ligada à macro-região que a ligava aos chacos e aos pampas argentinos e uruguaios. Esses campos naturalizados constituíram durante muito tempo grande parte dessas áreas, porém foram sucedidos por outras formações botânicas, à medida que se deram novos derrames basálticos que transformaram a geologia do solo e permitiram a evolução. Onde não ocorreu a mudança geológica, os campos permaneceram, com uma ecologia e uma dinâmica de evolução própria, resultado de um passado milenar de evolução biológica.



Figura 6 e 7. Sem Terra em Correia Pinto e a paisagem dos Campos de Lages. Fonte: http://www.adjorisc.com.br/jornais/omomento/noticias/index.phtml?id_conteudo=143103 e <http://www.panoramio.com/photo/7277377>

Segundo o parecer do técnico, sendo resultado de um passado milenar de

evolução biológica, os campos formam um verdadeiro santuário ecológico, tendo uma vocação econômica própria, a qual poder-se-ia ser adotada para melhorar as condições da produção paralelamente à conservação do ambiente natural. A produção de leite a base de pasto seria essa atividade. A argumentação nos parece procedente, uma vez que a utilização das forças naturais a favor da atividade econômica exerce importante papel para diminuir a quantidade de insumos tecnológicos e evitar os efeitos indesejáveis dos insumos químicos, produzindo alimentos saudáveis, ecológicos e socialmente sustentáveis.

As condições naturais favoráveis presentes na região, como o clima ameno, a distribuição das chuvas, a forte incidência de radiação solar e a alta produção de biomassa decorrente, foram alguns dos fatores responsáveis pela instalação das grandes indústrias de celulose, segundo o relato de Adilson. O amplo incentivo fiscal e a mão-de-obra barata presente consolidaram o processo. Essas Indústrias se instalaram na década de 70 e, tendo consumido as matas nativas de araucárias, agora produzem o monocultivo do pinus e eucalipto.



Figura 8. Klabin em Correia Pinto. Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/7277161>

Pode-se afirmar que os problemas relacionados à essas indústrias são muitos. Elas são vorazes consumidoras de recursos energéticos, utilizando grande parte do estoque vegetal para o seu próprio consumo. A alteração dos processos ecológicos essenciais e

das cadeias biológicas, a erosão e a danificação do ciclo hidrológico e a ocorrência de chuvas ácidas decorrentes da poluição atmosférica são alguns dos impactos mais citados no meio científico. (ZILLER e GALVÃO, 2000)

Dentre todos os problemas, contudo, o mais grave é o que diz respeito à poluição dos mananciais e do ambiente pelos resíduos gerados do processo de branqueamento do papel. Antigamente esse processo era realizado nos países importadores, mas o surgimento de restrições ambientais nesses países, frente à legislação ambiental fraca dos países subdesenvolvidos ocasionou o desvio na chamada “transferência de tecnologia”. Dessa forma, as plantas industriais se fixam nos países periféricos, permanecendo as matrizes administrativas em seus países de origem. Atualmente o consumo do papel advindo dessas usinas – em grande parte para o uso de produtos de higiene pessoal – está diretamente relacionado à renda per-capita, sendo os países de capitalismo avançado seus maiores consumidores. (VIA CAMPESINA, 2006)

Levando em conta que a principal atividade econômica local é a indústria madeireira, e que existem grandes disparidades e concentração de renda no município⁴, pode-se inferir que essa atividade não acontece de forma socialmente adequada, realçando a validade da luta das famílias assentadas na produção de outras racionalidades para a ocupação do território, e que as coloca como protagonistas na tecitura de uma nova sociedade.

“O pessoal recebeu a posse em dezembro de 2006, a ocupação foi em janeiro de 2007, mas as pessoas efetivamente não puderam trabalhar a terra. Só vocês que viram isso aqui caminharam por aqui, viram o tanto de problema que tem por aí. Organizar a produção, mudar de lugar, fazer estrada, garantir água de qualidade para todo mundo, escoar a produção... Mas o pessoal tem boa vontade, o pessoal tá animado, apesar de tudo. Problema todo mundo tem, principalmente onde tem bastante gente junto, aí os problemas afloram. (Adilson, entrevista, Pátria Livre, 08/02/08)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência nos fez perceber, principalmente, a validade que tem a prática no aprendizado das teorias. A integração à realidade das pessoas que lutam pela terra, incorporando seus problemas, dificuldades, anseios e motivações em nosso próprio plano pessoal, estimulou e permitiu um processo amplo de compreensão. Trata-se de um processo abrangente, que busca substituir a objetificação empírico-analítica da realidade, da qual padece a ciência acadêmica, por um método que atenda à uma compreensão holística. Explica Flickinger (2000), ao discorrer sobre a metodologia hermenêutica:

“É que o querer compreender algo não coincide com o entendimento desse algo, já que podemos ter, perfeitamente, e à base de uma sua excelente explicação, entendido algo sem o ter absolutamente compreendido. Como isso é possível? Ora, no primeiro caso, tratamos esse algo como se fosse um objeto, isto é, desconectado de nós mesmos, ao passo que no segundo o desobjetificamos envolvendo-nos, simultaneamente, a ele. O que significa isto? Querer compreender significa, antes de tudo, seguir um questionamento pessoal, a partir de um interesse próprio, *articulado enquanto pergunta* em relação ao assunto em questão.”

Esta lógica de envolvimento é muito necessária ao verdadeiro engajamento da ciência na busca da superação dos problemas sociais atuais. O EIV é uma poderosa ferramenta para a compreensão desse processo, e portanto para o aprendizado. Além de ser um espaço riquíssimo em termos de trocas de idéias e experiências, acabou resultando em grandes amizades e ao sentimento de pertencimento ao coletivo, traduzido pelo carinhoso adjetivo de “EIVianos” e “EIVianas”. Contudo, é um espaço que ainda têm muito para amadurecer, no sentido de superar os modelos organizacionais trazidos dos movimentos sociais, fazendo a crítica a seus problemas e propondo novas estruturas.

O EIV proporciona conhecimentos dificilmente alcançados através dos meios de comunicação convencionais, abrindo oportunidades para experiências e situações que, via de regra estão distantes do cotidiano estudantil. Tivemos a oportunidade de vivenciar

um processo conflituoso de ocupação de terras em Taió-SC, e as intempéries sofridas pelas pessoas nesse processo, enquanto eram infligidas submetidas pelos fazendeiros, policiais e pelos meios de comunicação ³.

Inseridos na polêmica da cooperação, pudemos compreender o grau de individualismo que a sociedade nos impõe por meio das propagandas, das indústrias do entretenimento e do estímulo a competitividade econômica. Algumas pessoas achavam, erroneamente, que cooperação era dividir absolutamente tudo. Era não ter nada e se subordinar aos outros, e por isso tinham medo dela. Porém, as pessoas mais antigas no movimento, que tinham “mais tempo de barraco” e estavam há mais tempo inseridas em dinâmicas coletivas, eram as mais habituadas à idéia da cooperação.

Acima de tudo, conseguimos compreender o valor que a conquista da dignidade têm para a emancipação social de centenas de pessoas no campo. A existência de movimentos sociais organizados são muito importantes nessa luta, na medida em que propiciam condições concretas para a melhoria de vida das pessoas a partir da conquista da terra; auxiliam na sociabilidade e na cultura de organização coletiva dessas pessoas; e oferecem uma possibilidade de crescimento intelectual e cultural que não teriam sob a mercê de um “Estado Benfeitor”.

Notas:

¹ Ou de um semestre dependendo da localidade em questão

² O fato narrado encontra-se publicado no Centro de Mídia Independente e pode ser conferido em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/06/355589.shtml> Último acesso em 14/08/2008.

³ A experiência encontra-se relatada e publicada em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/02/411470.shtml> Último acesso em 14/08/2008.

⁴ Da população economicamente ativa com mais de 10 anos de idade (7.408), 86,15% (6.382) ganham menos de 5 salários mínimos, enquanto 4,04% (299) ganham mais de 10 salários mínimos. O Índice de Desenvolvimento Humano – Renda do município é 0.663, indicando um patamar médio-inferior. Dados referentes ao censo de 2000 - IBGE Cidades e IBGE municípios.

6. REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. **Trabalho de base e abrangência do método.** Associação Nacional de Cooperação Agrícola. 2005.

_____ **Método de planejamento.** Associação Nacional de Cooperação Agrícola. 2005.

FLICKINGER, Hans-Georg. **Uma abordagem hermenêutica das ciências do planejamento.** Ed. Clarice Ágnes. 2000.

STÉDILLE, João Pedro, SÉRGIO, Frei. **A luta pela terra no Brasil.** Ed. Página Aberta LTDA. 1996.

VIA CAMPESINA, **O latifúndio dos eucaliptos – Informações básicas sobre as monoculturas de árvores e as indústrias de papel.** RS, 2006. Disponível em http://www.mabnacional.org.br/materiais/cart_eucalipto_via.pdf

ZILLER, Sílvia Renate, GALVÃO, Franklin . **A degradação da estepe gramíneo-lenhosa no Paraná por contaminação biológica de *Pinus elliotti* e *P. Taeda*.** Revista Floresta, 2003. Disponível em http://www.institutohorus.org.br/index.php?modulo=artigos_cientificos, último acesso em 14/07/2008.

Referências virtuais:

Enciclopédia virtual livre Wikipédia – <http://www.wikipedia.org>, acessado em [14/07/2008](http://www.wikipedia.org).

IBGE Cidades – <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>, acessado em [14/07/2008](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php).

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, disponível em <http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php>, acessado em [14/07/2008](http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php).

_____ **Jornal O Momento, sítio eletrônico -** <http://www.adjorisc.com.br/jornais/omomento/> acessado em [14/07/2008](http://www.adjorisc.com.br/jornais/omomento/).

Sítio eletrônico do município de Correia Pinto <http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=253&Pag=1>, acessado em

14/07/2008.